

6 an Brasil Empresário vê País como laboratório

CECILIA PLESE
Correspondente

17 AGO 1984

São Paulo — O País está cansado das receitas ortodoxas dos monetaristas que não têm nada a ver com a nossa economia. Embora não possuam qualquer experiência a respeito das formas pelas quais o Brasil introduziu a indexação e a correção monetária, os técnicos do FMI apresentam sugestões como se aqui fosse um local para testes. O que nós precisamos é lutar para ter pessoas competentes administrando corretamente a economia e resolvendo internamente nossos próprios problemas. Essa foi a reação do empresário Dillson Funaro, presidente da Trol, à reunião entre autoridades econômicas e representantes do FMI realizada anteontem em Brasília, na qual se decidiu que a liberação gradativa das importações sem prejuízo às empresas, nacionais, será o novo expediente do Governo para combater a inflação.

Funaro, que hoje à noite participará de um debate sobre os impasses do Sistema Financeiro, promovido no Auditório da Fundação Getúlio Vargas, pelo Conselho Regional de Economia, assinalou que qualquer que seja o rumo tomado pela economia brasileira, as distorções do Sistema Financeiro precisarão ser corrigidas. Em sua opinião, o candidato da Frente Liberal à Presidência da República, Tancredo Neves, é o único homem que representa a vontade do País, no sentido de a economia voltar a crescer. Para isso, porém, terá que promover indispensavelmente o saneamento financeiro, começando por atacar as taxas de juros, o endividamento interno e provocando choques para reduzir o patamar da inflação. Somente quando esses pontos estiverem resolvidos, observou, e pudermos caminhar mais corretamente para o desenvolvimento, é que se poderá pensar em fazer reformas financeiras.

Já o coordenador de címatizadores da Abinee, Antônio César Buonamico, afirmou que embora a medida tenha sido apresentada com a ressalva de que as empresas nacionais serão preservadas, no caso da abertura segura das importações é preciso definir claramente se as conquistas com vistas à nacionalização da produção, a curto prazo, não serão jogadas fora. A grande preocupação do setor industrial, acrescentou, é a de não ver inutilizados os esforços desenvolvidos nos últimos 4 anos em decorrência das restrições severas estabelecidas pelo Governo contra as importações. O conteúdo importado da produção nacional caiu muito e nem por isso ela deixou de ser menos competitiva.

Outro aspecto que ele realçou foi o de que a inflação não pode ser combatida com a reabertura das importações, mesmo que se considere sua participação expressiva na estratégia de promoção do crescimento interno da economia. A inflação tem duas causas básicas, salientou: uma técnica que envolve a expansão dos meios de pagamento em virtude da pressão dos superávits comerciais, e outra psicológica. Enquanto não houver uma reversão de expectativas, ninguém terá coragem de apostar na queda dos níveis inflacionários, disse.

Para o deputado Herbert Levy, as recomendações do FMI, na prática, sempre

funcionaram mal, pois — promoveram recessão, desemprego e custo social elevado, sem que se interrompesse o processo inflacionário. "O assalariado e o produtor rural, cujos produtos têm preços administrados, afirmou, não podem ser transformados em vítimas da estratégia de combate à inflação" argumentou.

O secretário municipal de Finanças, Denizard Alves, salientou, por sua vez, que não existem evidências de que a recessão leve à diminuição da inflação. "O que ela pode ocasionar, isto sim, é uma quebra do sistema econômico" acentuou. A proposição do FMI, conforme acrescentou, é consequência direta de certos manuais de economia muito em voga no momento, provenientes da escola monetarista americana.

A economista Ana Maria Jul e o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, observou, estão de acordo com ela porque falam a mesma língua, estudam, na mesma bíblia. Ele, porém, discorda. Acha que o crescimento econômico pode ser importante fator de combate à inflação, embora no Brasil sua oportunidade esteja restrita ao solucionamento de questões de caráter político, tal como a da renegociação da dívida externa.

O presidente da Associação Comercial de São Paulo, Guilherme Afif Domingos, pensa que a desindexação e a reabertura das importações, enquanto ligadas ao processo de reaquecimento econômico, são coisas distintas. O Brasil não tem certeza de que a correção monetária seja a causa da inflação embora não haja dúvida de que ela é um fator de realimentação.